



PÓS-MODERNIDADE E CRISE COMO ABERTURA PARA SOCIALIZAÇÃO DOS ROQUEIROS SEM-RELIGIÃO NAS TRIBOS URBANAS HEADBANGERS

***POST-MODERNITY AND CRISIS AS AN OPENING FOR SOCIALIZATION OF
ROCKERS WITHOUT RELIGION IN THE HEADBANGERS URBAN TRIBES***

***POSTMODERNIDAD Y LA CRISIS COMO APERTURA PARA LA SOCIALIZACIÓN
DE ROCKERS SIN RELIGIÓN EN LAS TRIBUS HEADBANGER URBANAS***

Flávio Lages Rodrigues *

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

Belo Horizonte, MG. Brasil.

E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br.

ORCID: [0000-0003-2538-6459](https://orcid.org/0000-0003-2538-6459)

RESUMO

Neste artigo apresentaremos como a pós-modernidade e a crise gerada pelo crescimento das grandes cidades possibilitou vários processos abriu para processos de socialização com as tribos urbanas e diversos grupos sociais. Nossa hipótese procurou identificar se há algum tipo de espiritualidade não religiosa na sociabilidade dos/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas headbangers em Belo Horizonte. A metodologia proposta ocorreu com a revisão bibliográfica, tendo como principal teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli. Embora, haja para os participantes da pesquisa uma espiritualidade não religiosa na solidariedade, que é gerada dentro do heavy metal e de seus subgêneros, percebemos que isto não é uma unanimidade, devido à rejeição a qualquer manifestação religiosa ou espiritual dentro desse grupo.

Palavras-chave: Espiritualidade; Heavy metal; Michel Maffesoli.

ABSTRACT

In this article we present how post-modernity and the crisis generated by the growth of large cities opened up made possible various processes of socialization with urban tribes and various social groups. Our hypothesis sought to identify whether there is some kind of non-religious spirituality in the sociability of non-religious rockers who are in the urban headbanger tribes in Belo Horizonte. The proposed methodology occurred with was based on the bibliographic review, having as main theoretician with the French sociologist Michel Maffesoli as main theoretician. Although, for the research participants, there is a non-religious spirituality in solidarity, which is generated within heavy metal and its subgenres, we realize that this is not unanimous, due to the rejection of any religious or spiritual manifestation within this group.

Keywords: Spirituality; Heavy metal; Michel Maffesoli.

* Doutorado e mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bacharelado em Teologia e especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade Teológica de Belo Horizonte.

RESUMEN

En este artículo presentaremos cómo la posmodernidad y la crisis generada por el crecimiento de las grandes ciudades abrieron han posibilitado diversos procesos de socialización con tribus urbanas y diversos grupos sociales. Nuestra hipótesis buscó identificar si existe algún tipo de espiritualidad no religiosa en la sociabilidad de los rockeros no religiosos que se encuentran en las tribus headbanger urbanas de Belo Horizonte. La metodología propuesta ocurrió con la revisión bibliográfica, teniendo como principal teórico al sociólogo francés Michel Maffesoli. Si bien para los participantes de la investigación existe una espiritualidad solidaria no religiosa, que se genera dentro del heavy metal y sus subgéneros, nos damos cuenta que esta no es unánime, debido al rechazo a cualquier manifestación religiosa o espiritual dentro de este grupo.

Palabras Clave: Espiritualidad; Heavy metal; Michel Maffesoli.

1 INTRODUÇÃO

Notamos que tanto a música quanto a religião são constructos culturais, que, muitas vezes, podem caminhar lado a lado como manifestações culturais de forma harmoniosa ou mesmo conflitante. Essa dualidade na música e na religião pode propagar para outras áreas como a social, política, econômica, cultural, e chegar também a outras áreas como a filosofia, ideologia, estética, moda, comportamento, mercado sonoro e consumo, entre outras.

Pensando no caso da música e religião, com as grandes transformações que as cidades experimentam com o intenso processo de urbanização, apresentamos neste artigo¹ as sociabilidades que nascem no contexto citadino como pilar para a pós-modernidade, respectivamente como elementos no *espaço* e no *tempo*, que fomentam essas socializações das tribos urbanas. Aliados a esses conceitos², também destacamos a crise, que permeia as *interações sociais* e acabam proporcionando outras formas de sentir e ser coletivamente. Como verificamos com os/as roqueiros/as sem religião³ que estão nas tribos urbanas

¹ Este artigo está ligado à pesquisa de doutorado em Ciências da Religião com o título: O ROCK E A ESPIRITUALIDADE NÃO RELIGIOSA. ESTUDO SOBRE OS RITUAIS, SOCIABILIDADES E COSMOVISÃO DE ROQUEIROS E ROQUEIRAS SEM RELIGIÃO EM BELO HORIZONTE, orientado pelo professor Dr. Flávio Senra, iniciada no PPGCR da PUC Minas em 2019. Esta pesquisa é realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Para a realização da pesquisa de campo, foi aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP), sob o número Nº Registro CEP: CAAE 25890719.1.0000.5137.

² Apresentaremos um fragmento da revisão bibliográfica da tese de doutorado, que compõe o capítulo 2. Nessa parte, utilizamos alguns conceitos que são desenvolvidos pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, dentre eles a cidade, pós-modernidade, memória e crise. Dessa forma, sinalizamos para a cidade como espaço de construção da memória dos grupos e diversas tribos urbanas. Entretanto, nesta parte do artigo, apresentamos como a pós-modernidade expõe as crises nas diversas áreas da vida humana, especificamente com os/as roqueiros/as sem religião em Belo Horizonte. Dessa forma, sinalizamos para a pós-modernidade como um tempo que é permeado por inúmeras distensões, cismas e crises, mas ao mesmo tempo é fértil para outras formas de socialização em torno de inúmeros grupos e tribos urbanas.

³ De acordo com José Álvaro Campos Vieira: “Os sem religião, são uma diversidade de pessoas: umas se dizem ateias, outras agnósticas e outras são *como religiosas*, mas sem vínculo com alguma instituição” (Vieira, 2018, p. 15, grifos do autor). Ainda, segundo Vieira (2018, p. 15), em sua pesquisa dentro do grupo de sem

headbangers em Belo Horizonte. Notamos a possibilidade da junção harmoniosa entre a música e a religião⁴ como elementos da cultura, até mesmo com o *rock* pesado, o *heavy metal* e seus subgêneros, mas, entre os/as roqueiros/as sem religião pesquisados/as, isso não ocorre, muitas vezes, de forma amistosa dentro da tribo.

Mesmo observando, entre os/as participantes⁵ da pesquisa, a ocorrência de um tipo de espiritualidade não religiosa na solidariedade que é gerada com o *rock* pesado, o *heavy metal* e seus subgêneros, percebemos que isto não se dá de forma unânime, devido à rejeição ou negação a qualquer manifestação religiosa ou até mesmo espiritual dentro desse grupo. Dessa forma, compreendemos as possibilidades que são geradas através das diversas formas de sociabilidade, devido à crise atual no contexto citadino. Que acabam proporcionando os inúmeros laços sociais e solidariedades com essas tribalizações na pós-modernidade, como descrito por Michel Maffesoli. Nesta direção, verificamos que a religião e suas respectivas instituições para esse grupo foram se fragmentando e perderam o sentido de existência. Assim, o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros acabaram preenchendo a lacuna deixada pela religião na vida desses adeptos das tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte.

religião, identificou pessoas que são *como religiosas*, pois mostram vestígios de uma prática religiosa que ainda acontece com crenças, necessidades e soluções de problemas diários e pela liberdade que elas têm para acessar bens e serviços religiosos, sem a imposição de agremiações ou instituições religiosas. Conforme o Censo 2010 do IBGE, houve um declínio do número de católicos e aumento dos evangélicos, espíritas e sem religião. Analisando os sem-religião no Censo 2010, foi registrado um aumento entre a população que se declarou sem-religião. Em 2000, eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%). Ressaltamos que na nossa pesquisa investigamos pessoas sem religião, aquelas que ainda possuem algum fragmento da religião e outras que não têm nenhum vínculo com as instituições ou círculos religiosos.

⁴ Para outras informações sobre música e religião, bem como a utilização do *rock* pesado, *heavy metal* e seus subgêneros no contexto religioso com as tribos urbanas *headbangers* no Brasil e em Belo Horizonte, ver: Rodrigues (2006), Rodrigues (2007), Rodrigues (2017), Rodrigues (2018a), Rodrigues (2018b), Rodrigues (2018c), Rodrigues (2018d), Rodrigues (2019a), Rodrigues (2019b), Rodrigues (2020a), Rodrigues (2020b), Rodrigues (2022), Rodrigues (2023a), Rodrigues (2023b), Rodrigues (2023c), Rodrigues (2023d), Rodrigues (2024) e também Azevedo (2009) que desenvolve sua pesquisa sobre o *black metal* no Rio de Janeiro e em Oslo na Noruega. Outros autores e outras autoras têm as tribos urbanas *headbangers*, o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros como objeto de pesquisa em Belo Horizonte, entre eles, destacamos Coelho (2011), Coelho (2014), Coelho (2020) e Silva (2021).

⁵ Na pesquisa de campo, aplicamos um questionário com a entrevista semiestruturada com 26 perguntas, entre elas utilizamos dez categorias de espiritualidade desenvolvidas por Streib e Klein (2016, p. 76-77), que mostra essa possibilidade de espiritualidade não religiosa mais livre e espontânea e foram transformadas em dez perguntas. Os pré-requisitos para a seleção dos participantes da pesquisa era ser maior de 18 anos de idade, ser roqueiro/a sem religião e ter vivenciado algum tipo de experiência nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Também, aplicamos um questionário socioeconômico que foi preenchido pelos/as participantes e nos ajudou a entender melhor a composição do grupo. Recrutamos dez participantes nas entrevistas, sendo oito homens e duas mulheres. As entrevistas ocorreram entre os meses de fevereiro e abril de 2020. Foram nove entrevistas gravadas presencialmente ou por *skype* através de áudio, totalizando 13 horas, 20 minutos e 13 segundos, que transcritas geraram 495 páginas no formato *word*. Apenas uma entrevista foi realizada de forma escrita.

2 PÓS-MODERNIDADE, CRISES E POSSIBILIDADES PARA NOVAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÕES

Notamos que a pós-modernidade⁶ se apresenta como um marco temporal, conforme aponta Maffesoli, que entre outras situações, possibilita novas formas de construções culturais. Ainda acaba expondo as rupturas e crises, frente aos poderes sociais, políticos, econômicos, culturais e também religiosos, com a criação de novos modos de ser e de viver na atualidade. Como também pode ser verificado com os diversos grupos e tribos urbanas, que compõem o tecido social dos grandes centros urbanos.

Maffesoli (2005a, p. 189-190) mostra essa crise que ocorreu com a mudança da modernidade para a pós-modernidade. Esta acabou se apresentando como uma resposta para esses problemas. Se por um lado a modernidade buscou separar os indivíduos, entre outras situações, levando a cabo antagonismos com o corpo e espírito, e natureza e cultura, a pós-modernidade busca agregar. As tribos urbanas são um exemplo desse modo de viver e pertencer na partilha das mesmas emoções e gostos, bem como dessa paixão gregária, que exalta o coletivismo e a aderência desses grupos.

Essa diferença ou crise entre a modernidade e a pós-modernidade, com o advento das tribos, pode ser verificada com os/as roqueiros/as sem-religião nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Neste aspecto, observamos que uma viscosidade que leva à indistinção dos pequenos corpos ou tribos, explosivas ou barulhentas, que se socializavam numa frenética imitação e no prazer de estar juntos, foi verificada na socialização da tribo, como também em torno das mais variadas bandas de *rock* pesado, com estilos *heavy metal*, *thrash metal*, *death metal*, *black metal*, entre outros. Entre outros fatores, de acordo com Maffesoli (2010a), a pós-modernidade proporcionou um certo esvaziamento dos valores dados como absolutos e incontestáveis pelas instituições modernas. A modernidade se

⁶ Para marcar a contemporaneidade em nossa pesquisa, utilizamos como pano de fundo o conceito de pós-modernidade amplamente difundido por Michel Maffesoli. De acordo com Maffesoli (2010a), as marcas da pós-modernidade podem ser vistas por toda a parte. Basta ver as inúmeras tribos urbanas que compõem o tecido social das grandes metrópoles. Para ele, as pessoas buscam o sentido para a vida, aqui e agora, com experiências que são vividas no presente na partilha dos mesmos gostos, emoções e que geram prazer. Elas buscam algo que possa lhes dar sentido e vontade de viver. Há uma potencialização pela vontade de estar ligado a algum grupo, com o desejo de pertencimento a um clube social, associação, tribo juvenis e de todas as idades, igreja, partido político, religião, seita, clube de futebol ou qualquer massa de pessoas com as quais se estabeleça um intenso laço social e de comunhão. Maffesoli adota o termo pós-modernidade no livro *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, para mostrar as transformações contemporâneas nos vínculos sociais. Conforme, Maffesoli (2010a), páginas 03, 05, 07, 08, 09, 10, 11, 15, 31, 66, 153 e 171. Sobre pós-modernidade, ver também Maffesoli (1984), Maffesoli (1985), Maffesoli (2001a), Maffesoli (2001b), Maffesoli (2001c), Maffesoli (2002), Maffesoli (2003a), Maffesoli (2003b), Maffesoli (2005a), Maffesoli (2005b), Maffesoli (2007a), Maffesoli (2007b), Maffesoli (2010b), Maffesoli (2014), entre outras obras do autor.

estabeleceu sob o escrutínio da razão, enquanto o tempo vigente, proposto por ele como pós-modernidade que se estabelece pelo prazer, na comunhão e no compartilhamento das mesmas emoções, sentimentos de pertencimento, gostos e sensações.

Segundo Maffesoli (2010a), há uma crise e uma constante tensão entre os detentores do poder e a massa que forma a população em geral. Aqueles impõem a toda sociedade como proceder, isto de forma coercitiva e através da razão. Já, para a massa, formada por inúmeros grupos ou tribos, o que vale é o prazer, emoções, o sentimento de pertencimento e a partilha dos gostos, que sinalizam para a coletividade e liberdade de escolha a que grupo pertencer de forma eletiva atualmente. Nessa crise pós-moderna, Maffesoli (2010a, p. 01) sinaliza para essa tensão, com dois modos de culturas dentro de uma mesma cultura: o *poder instituído* e a *potência instituinte*:

De um lado, alguns proprietários da sociedade; os que têm o poder de dizer e fazer. Eles ronronam em seus habituais meios de expressão e outros “centros de decisão”. Respondem uns aos outros em seus diversos boletins paroquiais, nos quais consultam, prioritariamente, uma informação essencial: a rubrica necrológica. De outro, a vida selvagem, bastante anômica, e em todo caso desordenada. Em suma, o *poder instituído*, sob suas diversas formas: cultural, religiosa, social, econômica, contra a *potência instituinte* (Maffesoli, 2010a, p. 01, grifo do autor).

Podemos ver que, para Maffesoli, há uma tensão dentro da cultura no que se refere, entre outras situações, às manifestações culturais. O que não é aceito pelo *poder instituído*, pode ser sufocado como foi com o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, e as tribos urbanas *headbangers* décadas passadas. Se pensarmos nos/as roqueiros/as sem-religião que estão nessas tribos, o preconceito e todo tipo de estigma que esse grupo sofre, pode ser ainda mais potencializado pelo não enquadramento a um modelo religioso, ou ainda pela negação de pertença a qualquer agremiação ou círculo religioso. Embora Maffesoli (2010a) mostre que haja a força desse *poder instituído* para gerir a vida, é na *potência instituinte* que as socializações são atomizadas através das tribalizações e dos pequenos grupos na sociedade. “O poder pode e deve se ocupar da gestão da vida, a potência é responsável pela sobrevivência” (Maffesoli, 2010a, p. 115). O que percebemos é que a oxigenação e vitalidade das socializações acontecem no chão da vida, através da potencialização crescente dos diversos relacionamentos sociais. Para Maffesoli (2010a), a cidade se apresenta como esse campo de possibilidades de socializações, tanto aquelas que se apresentam nos limites das instituições sociais, quanto aquelas que acontecem de forma *subterrânea* e *underground*, e, assim, fora de qualquer imposição do *poder instituído*. Dessa forma, o território mostra o

seu poder em abrigar e proporcionar as mais variadas formas de socialização, mesmo aquelas que são construídas em uma relação de crise com a sociedade em geral.

Podemos ver que essa necessidade de proteção, abrigo e refúgio, é proporcionada pelas tribos urbanas *headbangers* na cena *underground*. “O abrigo, o refúgio como realidade subterrânea, mas, nem por isso, menos soberana, de toda a vida em sociedade. Pois a *potência* da socialidade responde, sem necessariamente se lhe opor, ao *poder* da estrutura econômica-social” (Maffesoli, 2010a, p. 215, grifo do autor).

Observamos que essa crise pós-moderna, além de dinamizar novas formas de relacionamentos sociais, fomenta a pulverização de inúmeras tribos com a força da *potência instituinte* atualmente. Isso mostra a força da socialização que acontece com os hábitos e costumes que são gerados nessa tribo literalmente de forma *underground*, subterrânea e, muitas vezes, velada. “O costume, nesse sentido, é o não-dito, o ‘resíduo’ que fundamenta o estar-junto. Propus chamar isto de *centralidade subterrânea* ou ‘potência’ social, em oposição ao poder” (Maffesoli, 2010a, p. 54, grifo do autor). Essa socialização fundada na *centralidade subterrânea* ou na *potência social*, na visão de Maffesoli, aponta para o atrito e resistência ao *poder*.

Para Halbwachs, esse tipo de socialização se estrutura e se apresenta à sociedade, muitas vezes, de forma imperceptível, *silenciosa* e *imóvel*. “É como se fosse uma sociedade silenciosa e imóvel, estranha à nossa agitação e às nossas mudanças de humor que nos dá uma sensação de ordem e de quietude” (Halbwachs, 1990 p. 131). Este tipo de socialização pode ser verificado na cena *underground* nas tribos urbanas *headbangers*, no qual, as socializações que são construídas, acontecem, muitas vezes, de forma marginal e clandestina, bem debaixo dos nossos pés. Sem serem notadas pelas instituições sociais que representam o *poder*.

Conforme Maffesoli (2010a), o que está em jogo nessa crise é a beleza da *potência instituinte*, que não se amolda aos padrões pré-estabelecidos, antes, mostra seu vigor e vitalidade orgânica a cada dia para se reinventar. Esta reinvenção diária da *potência instituinte* mostra que todas as áreas da vida humana só podem ocorrer e acontecer com vivacidade, quando estão encarnadas na vida real. Pensando nessa tensão e nesse atrito, que ocorrem dentro da sociedade, para o conceito de cultura, utilizamos Maffesoli (2010a) em sua obra. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Como vimos acima, ele aponta para duas culturas dentro de uma mesma cultura.

De um lado, ele mostrou os *proprietários da sociedade*, que são os que têm o poder de dizer o que fazer, sendo o *poder instituído*, nas diversas formas: *cultural, religiosa, social*

e econômica. Este *poder instituído* toma as decisões longe da vida e assim, da realidade da maioria da população. De outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica, e desordenada, como uma *potência instituinte*. Ainda, segundo Maffesoli (2010a), o *pensamento selvagem* é admitido pela experiência adquirida no contato com sociedades primitivas. Aqui, a antropologia volta seu olhar para o cotidiano das sociedades contemporâneas, ao que chamou de *culturas de empresa* ou outros fenômenos que pareciam próximos demais para serem analisados. Essa divisão de duas culturas, para Maffesoli, começa a ser aceita pela cultura erudita, conforme a passagem seguinte:

A existência de um “pensamento selvagem” é, atualmente, coisa admitida; valendo-se de uma experiência adquirida pelo contato das sociedades primitivas, a antropologia está virando seu olhar em direção ao cotidiano das sociedades contemporâneas, até mesmo em direção ao que se convencionou chamar de “cultura de empresa”, ou outros domínios que pareciam próximos demais para serem passíveis do esforço analítico. Isso vale também para a cultura erudita, que começa a admitir a existência de uma *outra cultura*: a dos sentimentos comuns. Podemos estar de acordo com essa emergência. São numerosas as pesquisas que o demonstram, o fato é que existe entre essas duas culturas um distanciamento que às vezes não deixa de se transformar em um fosso intransponível (Maffesoli, 2010a, p. 240, grifo do autor).

Vale a pena ressaltar que, nessas crises e rupturas das tribos urbanas frente à sociedade em geral como identificados por Maffesoli na pós-modernidade, utilizamos o conceito de cultura com a construção da *potência instituinte*. Este, por sua vez, ao nosso ver, se aproxima mais da nossa pesquisa, com a solidariedade, sentimento de estar juntos, partilhamento, sociabilidade e o sentimento de pertencimento. Essa cultura é construída pelos próprios jovens roqueiros/as sem-religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers*, as quais constroem e utilizam signos, ícones e linguagens que se estabelecem como elementos culturais que não são aceitos pelo *poder instituído* como padrão cultural. O que a torna, muitas vezes, clandestina e marginal na sociedade. Percebemos que a crise cultural que brota de uma sucessão de cismas na socialização na *potência instituinte* e no cotidiano é o que nos interessa em nossa pesquisa a respeito dos/as roqueiros/as sem-religião.

Para Maffesoli, essa socialização pode ocorrer na multiplicidade e pluralidade dos fenômenos, como também acontece nas pequenas ou ínfimas tramas das redes sociais, nos fatos corriqueiros da vida cotidiana. “Assim, tal como a *forma artística* se cria a partir da multiplicidade dos fenômenos reais ou fantasmáticos, também a *forma societal* poderia ser uma criação específica, partindo dos minúsculos fatos que são os fatos da vida cotidiana” (Maffesoli, 2010a, p. 140, grifos do autor). Nessa direção, percebemos que a crise dos modelos pré-estabelecidos e a saturação do político abriram para outras formas de

socialização, que até então eram veladas e tinham aspectos de resistência. Não raras as vezes, essas formas de socialização eram duramente reprimidas e, por isso, se apresentavam como subterrâneas e marginais:

As numerosas questões que dizem respeito à saturação do político, à mudança de valores, ao fracasso do mito progressista, ao ressurgimento do qualitativo, à importância conferida ao hedonismo, à perdurância do sentimento religioso, à pregnância da imagem, que se acreditava totalmente afastada e que cada vez mais invade a nossa vida quotidiana (publicidade, televisão), têm todas elas como pano de fundo aquilo que se pode chamar de *potência* irreprimível. Trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se podem constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise (Maffesoli, 2010a, p. 69, grifo do autor).

Segundo Maffesoli, a socialidade acontece longe do *poder instituído* nas suas diversas áreas. A hipótese central de sua pesquisa é que há a necessidade de uma *centralidade subterrânea*, que aponta sempre para o retorno às bases e ao fundamento da vida. “Trata-se da hipótese central de minha pesquisa já há vários anos: a necessidade de uma *centralidade subterrânea*” (Maffesoli, 2010a, p. 76, grifos do autor). O componente secreto, subterrâneo e marginal, tem uma potência para a constituição e construção sociológica do grupo. Desse modo, o *segredo* como forma de *resistência* nas tribos urbanas *headbangers* pode estar apontando, justamente, para a vivência na cena *underground*, que ocorre nos lugares que são impensados dentro da cultura e da sociedade. E não tem outro fim, senão, o de vislumbrar as teias e os laços criacionais na composição desses grupos, tribos e pequenas comunidades dos iguais:

E, no entanto, é certamente esse “segredo” que permite medir a vitalidade de um conjunto social. Na verdade, é preservando as etapas de uma revolução, os motivos de uma conspiração, ou, mais simplesmente, a resistência passiva ou o evidente “autocentrimento” diante de um poder qualquer (político, estatal, simbólico), que se cria uma comunidade (Maffesoli, 2010a, p. 77).

Na abertura para a criação cotidiana desses pequenos grupos frente aos grandes grupos e às instituições sociais, com a apresentação de várias possibilidades e o grande leque no universo do *segredo* e com a organicidade dos modos de vida nos mais diversos rituais humanos. Podemos ver, entre outras situações, a força do *segredo* que é criado internamente, com a exposição de uma saturação do conceito de individualismo, frente ao coletivismo, no desenvolvimento e constante aprimoramento da comunicação e das linguagens. Que são construções próprias de cada grupo, tribo ou neotribo, que não tem outro fim, senão o de apresentar uma constante crise que atravessa a sociedade atual:

A reflexão sobre o segredo e sobre os efeitos do segredo, ainda que sejam anômicos, leva a duas conclusões que podem parecer paradoxais. Por um lado, assistimos à saturação do princípio de individuação, com as inevitáveis consequências econômicas que resultam daí. Por outro, podemos ver como se projeta um desenvolvimento da comunicação. É esse processo que permite constatar que a multiplicação dos microgrupos só é compreensível em um contexto orgânico. Tribalismo e massificação caminham lado a lado (Maffesoli, 2010a, p. 162).

Isso mostra que o *segredo*, além de desvelar uma crise atual na sociedade, proporciona a força relacional e comunicacional interna, que acontece coletivamente na socialização de cada um desses microgrupos em seus encontros diários. O *segredo*, para essas tribos urbanas, funciona como uma barreira de autopreservação do grupo contra os *poderes instituídos*. O que mostra que há uma crise e as áreas social, política, econômica, cultural e religiosa, foram afetadas e sentem os efeitos dessa crise. Esse *segredo* proposto por Maffesoli pode ser observado de forma metafórica na cena *underground* com as mais variadas tribos urbanas que estão espalhadas pelas cidades do Brasil e do mundo.

Desse modo, também, verificamos essa ocorrência do *segredo* com os/as roqueiros/as sem-religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Que primeiro, apontam para uma crise que se estabelece pela *revolução*, *conspiração* e *resistência passiva*, na criação do grupo, comunidade ou tribo, frente ao poder estabelecido. Nesse aspecto, a potência da vida, que é vivida plenamente e a existência social, é mais importante na socialização do que a simples *racionalidade instrumental*:

O que essas expressões pretendem sublinhar é que uma boa parte da existência social escapa à ordem da racionalidade instrumental, não se deixa finalizar e não pode se reduzir a uma simples lógica da dominação. A duplicidade, o ardil, o querer-viver se exprimem por meio de uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais, de experiências, que delimitam um espaço de liberdade. Por notar demais a vida alienada, por querer demais uma existência perfeita ou autêntica, costuma-se esquecer, de maneira obstinada, que a quotidianidade se fundamenta em uma série de liberdades intersticiais e relativas (Maffesoli, 2010a, p. 54-55).

O que Maffesoli mostra é que as socializações do cotidiano não podem brotar em uma *racionalidade do dever ser*, tampouco ocorrem em uma *lógica da dominação*. Ao contrário, elas têm força em sua fertilização, apenas quando estão abertas para as inúmeras liberdades, que ocorrem de forma *intersticiais e relativas*. Estas proporcionam socializações que ocorrem somente na união das partes, dos indivíduos, de forma conjuntiva e na relação que se constrói de modo referente e coletivo. Ou seja, essas socializações que ocorrem nas tribos urbanas tomam corpo e organicidade, que é construída e compreendida pelo próprio grupo.

Maffesoli mostra que a pós-modernidade expõe as inúmeras crises contemporâneas e, ainda assim, dinamiza os relacionamentos que podem ser criados com a vida cotidiana. Essas socializações exprimem uma *religiosidade* que acontece no *ambiente* e fomentam uma *religação* que pode alimentar todas as *formas menores do sagrado* que nascem nas sociedades, tanto as ditas *desenvolvidas* quanto as *subdesenvolvidas*:

Presente, um pouco pagão, que se exprime a cada dia através de uma religiosidade ambiente. Vetor de *religação*, alimenta todas as formas menores do sagrado que florescem nas sociedades, das mais desenvolvidas às “subdesenvolvidas”, das que ostentam o estandarte do progressismo ocidental às que continuam ainda condicionadas por mitologias tradicionais. Isso pode incitar-nos a pensar que, além ou aquém das diversas racionalizações e legitimações políticas, há, no fundamento de todo estar-junto, um conglomerado de emoções ou de sentimentos partilhados (Maffesoli, 2005a, p. 16, grifo do autor).

O que importa é o presente vivido na *religação* com os outros na socialização, na força do cotidiano e nos laços que são criados, ao estar juntos para viver as mesmas emoções. Essa vida cotidiana, ao proporcionar uma *religiosidade ambiente* e um *pouco pagã* com outras formas de sagrado nessas socializações, abre para a religação das emoções e dos sentimentos partilhados pelo grupo, com o esvaziamento da religião institucional e a incorporação dessas formas de sagrado, que podem surgir, como suspeitamos, de espiritualidades não religiosas.

Nesse aspecto, o *rock* poderia estar sendo incorporado como uma espiritualidade não religiosa pelos/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*, justamente, por figurar como algo que se transforma em um sentido de vida para os adeptos dessa tribo. Assim, acaba tomando aspecto de elemento sagrado, com seus ícones, signos, cores, rituais e repetições, que levam a uma devoção, com trajetórias, peregrinações em torno do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros.

3 UMA CRISE GERADORA DE COLETIVIDADE ENTRE OS/AS ROQUEIROS/AS SEM-RELIÇÃO

Notamos que a crise dos/as participantes das tribos urbanas *headbangers* em relação à sociedade em geral suscita a criação de uma coletividade nos mais variados rituais, para os adeptos dessas tribos, como observamos entre os/as roqueiros/as sem-religião. Na visão de Maffesoli, essa construção da coletividade observada nas tribalizações ocorre com o esvaziamento do *eu*, em função da construção do *nós*, que acaba gerando novos grupos e novas tribos urbanas:

Totalmente diferente é a relação entre o “eu” e o “nós”. Pode acontecer um confronto entre eles, o que é mesmo constitutivo da dialética deles, mas como o “eu” não passa de um momento da elaboração do “nós”, não se colocando enquanto entidade absoluta e abstrata, o confronto não resulta em destruição. Se o “eu” perde-se no “nós”, ele obtém, ao final, novas forças (Maffesoli, 2005a, p. 175).

A coletividade apreendida na socialização aponta para a potencialização do *nós* que é feita matematicamente na soma, multiplicação e potencialização. Sociologicamente, essa potencialização se inscreve nas inúmeras tribos urbanas, nas quais as pessoas se unem com os mesmos ideais, gostos e emoções. De acordo com Maffesoli, essa perda do *eu* no *nós* e na coletividade, com novas energias e forças nos relacionamentos sociais, são ocorrências não apenas das tribos urbanas, mas podem ser vistas nas mais variadas tribos e grupos sociais, políticos, econômicos, culturais, esportivos, filosóficos, religiosos, entre outros:

Assim, o “eu” da pessoa se perderá no “nós” da tribo e portanto dará a esta uma nova energia, obtendo, ao mesmo tempo, a renovação de suas próprias forças. É, por exemplo, a impressão dada pelos diversos protagonistas dos grupos religiosos, das tribos amicais, afetuais, culturais ou filosóficas; é igualmente o que pode explicar a vitalidade desses agrupamentos, e o papel cada vez mais importante desempenhado por eles na praça pública. É enfim essa sutil dialética que dá a esses microgrupos um inegável aspecto prospectivo (Maffesoli, 2005a, p. 176).

Embora possa ser observada uma crise, com a vontade própria da pessoa e do *eu*, que, posteriormente, se dissolve no encontro e plenitude do *nós* no coletivo. O cotidiano, com suas crises e as diversas modalidades de vida diária, consegue abrir para inúmeras manifestações sociais no interior dessas tribos, com hábitos que se traduzem em rituais coletivos. Segundo Maffesoli, essa vida diária se apresenta como uma vasta possibilidade de manifestações sociais, que é coberta pelas grandes *ondas de uma energia coletiva*:

Caso exista acordo, nem que seja de maneira heurística, sobre esse primado da relação, pode-se compreender essa surpreendente incerteza da identidade, essa fragilidade do ego, abnegação do indivíduo, teoricamente de difícil aceitação, sendo, contudo, uma realidade empiricamente constatável na vida diária. Na moda, nos modos de vida, nas agregações juvenis, nas modalidades de fala, na música, nas atitudes de consumo e, claro, nos hábitos ou rituais da vida de todos os dias, tudo se passa como se o indivíduo tivesse sido encoberto pelas ondas de uma energia coletiva da qual é apenas um espectador-ator, no sentido teatral do termo, entre outros (Maffesoli, 2005a, p. 176).

Abaixo dessas *ondas de energia coletiva* se inscrevem vários grupos, tribos e neotribos. Isso ocorre em um tribalismo frenético com agregações juvenis e com as pessoas de todas as idades. Estas sociabilidades podem girar em torno da moda, da dança, da literatura, do consumo, da efervescência religiosa, esportista ou musical.

Observamos estas sociabilidades de forma mais intensa através da música e da religião, nos estilos musicais com o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros, nos/as roqueiros/as sem-religião que estavam nas tribos urbanas *headbangers*, cujos/as adeptos/as eram levados/as por essas *ondas de energia coletiva*, ao criar o que viria a ser a cena *underground* na capital mineira, sendo, ao mesmo tempo, *espectador* e *ator* nessa criação. Conforme Maffesoli, as sociabilidades acontecem nos rituais cotidianos, nas situações mais corriqueiras da vida. Esses/as atores/atrizes participam da trama social, de forma eletiva e longe de qualquer dominação estrutural, que possa dizê-los como agir e viver:

Através do rito, em suas diversas modulações, encontramos uma sede inesgotável do presente, feita de fatalismo e de sólida serenidade. A trama existencial é constituída por situações anedóticas e insignificantes que pouco têm a ver com as justificativas e finalidades que lhes são atribuídas a partir de uma instancia dominante. [...] Os atores sociais não são, de modo algum, vítimas dos valores que praticam, eles os jogam, os vivem no jogo. A exploração, a alienação, a dominação são de certo modo impotentes para apreender a *astúcia* estrutural e corriqueira do jogo social, embora seja ela que se encontre na base dessa esplêndida cacofonia a que chamamos sociedade (Maffesoli, 1984, p. 14, grifo do autor).

Ainda, de acordo com Maffesoli, as riquezas da socialidade ocorrem por uma *não lei* ou *antinomia* na construção do cotidiano e do imaginário. Não há limites para a vastidão dos diversos modos de socialização, e nenhum deles pode ser deixado de lado pelo observador social no projeto antropológico:

É a partir de uma tal constatação, da qual será necessário mostrar toda a concretude, que nossa reflexão sobre o cotidiano pode prosseguir, aprofundar-se e desdobrar-se. Através de toques sucessivos, faz-se necessário desenhar os contornos dessa socialidade, vivida no presente, e da qual não conseguimos esgotar as riquezas. Existe realmente uma antinomia entre o cotidiano e o imaginário, embora esses termos sejam variáveis, e mais do que pretender reduzir, negar ou ultrapassar dialeticamente essa antinomia é necessário, talvez, deixar-se afrontar, e permitir o curto-circuito dos seus vários elementos. Não se trata, portanto, de atribuir títulos de nobreza às mínimas atitudes cotidianas, mas ver de que maneira estas se encontram enraizadas na relação existente entre o arquétipo fundador e o estereótipo banal. Essa relação, que é uma outra maneira de dizer o ritual, pode ser apreendida de diversos modos, pois constitui um conjunto de vários acessos, onde nenhum pode ser negligenciado, sob o risco de parcialidade. E sendo impossível conceber todos os acessos, não se pode negar a este ou àquele sua importância e eficácia. É essa ambição que parece constituir a originalidade de todo projeto antropológico (Maffesoli, 1984, p. 20).

O que Maffesoli apresenta é que, somente através do cotidiano e do imaginário, conseguimos pensar e agir na construção de outros mundos possíveis. Com experiências que se apresentam de forma mais livre e espontânea, nos encontros mais corriqueiros e banais, e, por isso, cimentam as bases para o tribalismo com a força do hábito e do costume. Até mesmo o que se apresenta diante de nossos olhos como *não lei* ou *antinomia*, e que ainda

expõe fatores de uma crise e um *curto-circuito* social, pode revelar novos modos de vida. Na potencialização e dinamismo das experiências cotidianas é que esse imaginário pode brotar.

Na perspectiva de Maffesoli, esse imaginário sinaliza para o coletivo e, de forma mais específica, para o tribalismo. Desse modo, é um imaginário de um determinado grupo e, assim, representa o *estado de espírito* de uma coletividade, que pode ter tanto contornos macrossociais quanto microssociais:

O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (Maffesoli, 2001b, p. 76).

Essas experiências de construções do imaginário que são fomentadas pela vida cotidiana, que servem como cimento social, foram observadas na criação do imaginário dos/as roqueiros/as sem-religião nas tribos urbanas *headbangers*, já no início da cena *underground* em Belo Horizonte e nas décadas seguintes. Um imaginário que nasce na construção cultural da tribo, com cosmovisões políticas, filosóficas, musicais, estéticas e ideológicas, com uma visão e postura que parte de uma negação do mundo que é dado pelo poder instituído, principalmente, no âmbito social, político e religioso. Essa crise impulsiona outros modos de vida nessas tribos, em que o imaginário é capaz de criar novas linguagens que se projetam nesses grupos como possibilidades de discursos que são produzidas na tensão, rebeldia e resistência:

Basta lembrar que o costume, como expressão da sensibilidade coletiva, permite, *stricto sensu*, um *ex-tase* no quotidiano. Beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo dia provocam o “sair de si” e, por intermédio disso, criam a *aura* específica que serve de cimento para o tribalismo (Maffesoli, 2010a, p. 61, grifos do autor).

Percebemos, nessa criação do *costume* na *sensibilidade coletiva*, uma busca por algo mais elevado e que dê sentido à vida dos participantes do grupo ou da tribo. Esse *ex-tase* ou o *sair de si*, de certo modo, já sinaliza para essa tensão, rebeldia e resistência, apresentada como uma negação dessa construção de mundo. Essa *aura*, ou poderíamos dizer *outra dimensão*, também, pode estar sinalizando para uma crise que, além de possibilitar novos modos de vida longe de qualquer imposição e rigidez das estruturas sociais, torna-se uma

válvula de escape para a formação do tribalismo. No prazer de rememorar o que é vivido nas mais diversas experiências coletivas na vida cotidiana e no imaginário, o tribalismo impulsiona e valoriza o fazer juntos, na comunhão e partilha dos mesmos gostos:

Como se vê, não é necessário reduzir o êxtase a algumas situações extremas particularmente tipificadas. O dionisiaco remete, seguramente, à promiscuidade sexual e a outras efervescências afetuais ou festivas, mas também permite compreender a elaboração das opiniões comuns, das crenças coletivas ou da *doxa* comum (Maffesoli, 2010a, p. 61, grifo do autor).

De um lado, observamos as crises geradoras de tensões, rebeldias, resistências e contestações. De outro, Maffesoli mostra exaustivamente em seu livro, *O Tempo das Tribos*, que elas são frutos das mais variadas socializações que ocorrem na participação mágica com as tribos, justamente, com o indivíduo que se associa com os iguais, que tem as mesmas inclinações de pensamento, para fazer a sua *história*, com a *pulsão gregária* nos diversos afetos:

Da mesma forma, o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária, é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, *participar* magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de *tribos* (*O Tempo das Tribos*, 1988) (Maffesoli, 2005a, p. 14, grifos do autor).

Essa capacidade de *fazer sua própria história* em associação com outras pessoas em *uma pulsão gregária* – que ocorre com a *ambiência afetual* em *pequenos conjuntos escorregadios*, com a partilha dos mesmos gostos e emoções –, pode ser observada nas mais variadas formas de socialização, em sociedades e culturas, com a possibilidade de criação de grupos, tribos ou neotribos. Essa ocorrência é mais suscetível em sociedades no mundo ocidental. Isso se deve à força de criação, que é gerada pelo poder da imaginação, que tem suas bases fomentadas pela pluralidade, heterogeneidade, na diversidade e abertura para outras manifestações que esses países podem possibilitar.

O que também foi observado com os/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte é que, mesmo com as crises nas diversas áreas da vida dos jovens ainda no início da cena *underground*, conseguiram criar laços na sociabilidade e solidariedade através de um tipo de espiritualidade não religiosa em torno do *rock* pesado, como o *heavy metal* e seus subgêneros.

4 A CRISE COMO ABERTURA DA SOCIABILIDADE DOS/AS ROQUEIROS/AS SEM-RELIGIÃO

Percebemos que, na socialização dos/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, ocorreram várias construções entre os jovens. Havia sinais de uma resistência contra os poderes estabelecidos nas diversas áreas sociais, entre as tais a política e principalmente a religiosa.

A cena *underground*, na capital mineira, nascia no momento em que vários movimentos sociais lutavam contra a Ditadura Militar e em favor da redemocratização do Brasil. Ocorriam muitas ações de repressão e violência a qualquer tipo de manifestação social, política ou cultural, que não se alinhasse aos desejos do governo militar. Com os resquícios da repressão da ditadura, esses/as roqueiros/as sem-religião foram obrigados a criar sua própria cultura e cosmovisão, como a sonoridade, ideologia, postura e atitudes próprias do *heavy metal* e de seus subgêneros. Isso mostra que a crise acabou se tornando uma saída para a criação e manifestação desse modo de ser e pertencer dos adeptos das tribos urbanas *headbangers* frente aos poderes instituídos.

Nessa direção, Maffesoli mostra a força da criação que brota do *imaginal* ou da imaginação em uma construção constelar de variados grupos, em sociedades e culturas diversas. Esse imaginário se constitui com a criação de *máscaras* internas, que tomam forma no pertencimento, solidariedade, mesmos gostos, com o afeto e paixão, que são partilhados pelo grupo ou tribo na vida cotidiana:

A partir dessas considerações, podemos dizer que o imaginal possui um papel de muita importância na estruturação da vida cotidiana. A aparência, sob todas as formas, é o fundamento de múltiplas situações e atos sociais. Do vestuário à habitação, passando pelo encontro, sem esquecer o fantástico de todo os dias, o presente surge em cena, representa e constrói ilusões sob várias máscaras e matizes (Maffesoli, 1984, p. 13).

Esse *presente que surge em cena*, como demonstrado por Maffesoli por meio da designação de várias *máscaras*, pode ser o indício da crise e rebelião, que são construídas todos os dias na força da aparência, da representação e construção de ilusões com as diversas *máscaras* que podem ser construídas e utilizadas nas diversas tribos urbanas.

Podemos observar essa produção de *máscaras* entre os/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, mediante as representações que foram e ainda são construídas em torno da música *rock*. Neste, a *aparência*, o visual e a estética dessas *máscaras* demarcam os corpos com o vestuário, cabelos longos, acessórios

e com as marcas que são produzidas na pele com tatuagens, *piercings*, implantes subcutâneos e escarificações, entre outras. Assim, as tribos urbanas mostram a força que o costume tem por meio das ideologias, estéticas e posturas dentro desses grupos:

As figuras tipificadas, exacerbadas, esses arquétipos cotidianos de cabelos coloridos e indumentária algo paroxística, essas caricaturas ambulantes tatuadas, “perfumadas”, encenadas, apenas exprimem a antiga memória da comunidade primitiva. São figuras que, sem dar conta, cristalizam o espírito de um povo (Maffesoli, 2007b, p. 115).

Observamos que não só os corpos sofrem essa interferência da *aparência* e das *máscaras* pós-modernas, mas também o território, com os seus vários espaços geográficos, se torna aparelho para essa socialização, que pode ser utilizado como marca, marco e *máscara* por determinados grupos; e ainda pode sofrer algum tipo de intervenção com o grafite, pichações, desenhos, pinturas e ocupações para encontros de determinados grupos e tribos, bem como para a apresentação das bandas dessas tribos específicas.

Ainda, para Maffesoli, as representações advindas do teatro com a *máscara* passaram a ter uma representação não mais de uma pessoa, mas de um grupo social. Para ele, isso ocorre pelo poder do ritual, que permite ao indivíduo existir socialmente. “Como se sabe, *persona* é, na origem, uma máscara de teatro, e não é sem razão que logo passou a designar aqueles que a usavam; da mesma maneira, o ritual é justamente o que pode permitir a esse indivíduo orgânico que é o social existir como tal” (Maffesoli, 1984, p. 163, grifo do autor).

Esse *ritual*, apresentado como *máscaras pós-modernas* e utilizado por determinados grupos na representação do papel nessas tribos específicas, mostra a necessidade do eterno retorno dos adeptos dessas tribos ao fundamento da sua existência com o arcaico. Este arcaísmo expõe a crise que ocorre com os padrões estabelecidos socialmente. Dessa forma, as *máscaras pós-modernas*, apresentadas pelas mais diversas tribos urbanas, além de mostrar esse retorno à ancestralidade e ao aspecto mais primitivo dessas tribos, também se impõem como uma forma de resistência:

Em contrapartida, esses fenômenos lembram que o que prevalece é uma virtual comunidade de *destino*. As máscaras pós-modernas estão *sob influência*. Influência de coisas, de problemas ancestrais. Traduzem a força impessoal que, de forma subterrânea, vem de muito longe, e às vezes se exprime à luz do dia (Maffesoli, 2007b, p. 119-120, grifo do autor).

Esses fenômenos apresentados por Maffesoli, como a socialização por meio de uma *virtual comunidade de destino*, com suas *máscaras pós-modernas* e *influência*, que remontam aos *ancestrais*, ao primitivo e ao *subterrâneo*, também podem ser observados no

início da cena *underground* com o *heavy metal* na cidade de Belo Horizonte em 1985.

Nessa direção, para um dos participantes da pesquisa, realmente, essas *máscaras* remontam à ancestralidade, que vem das representações que eram feitas com as pinturas nas cavernas e grutas. E que os homens primitivos faziam, bem como na utilização de *máscaras* como forma de representações sociais dos seres superiores e divindades, que persistem até os nossos dias. Assim relatou um participante da pesquisa:

Mas se eu pegar o ponto de vista evolucionista, né, você vê ali os homens primitivos, que colocavam na parede das grutas desenhos de seres, né? Vou dar um exemplo. Outro dia eu estava fazendo uma pesquisa sobre as máscaras, que elas são utilizadas pelo homem há mais de 9000 anos, cara. Então os homens, eles usavam essas máscaras na representação dos seres superiores e divindades. Ou seja, isso sempre aconteceu e acontece até hoje. Entendeu? (Participante 9, homem, 39 anos).

Diante dos diversos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos na atualidade, percebemos essa crise e ruptura que perpassa a experiência dos/as roqueiros/as sem-religião nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Verificamos essa possibilidade de construção cultural através de *máscaras* com representações de um *imaginal* que ocorre nos laços sociológicos diários. Essas *máscaras* na socialização cotidiana ganham mais peso e representação, na medida em que os jovens que estavam nessas tribos não tinham nenhuma perspectiva de vida, trabalho ou esperança de um futuro melhor. Para piorar, muitos não se sentiam representados na sociedade e ainda não tinham os seus direitos básicos respeitados. Os que conseguiam trabalho, em sua maioria, faziam parte do grande contingente da classe operária brasileira.

Essa crise se ampliava diante da Ditadura Militar ainda em curso no Brasil e da convulsão social, política e econômica que assolava o país com a violência, fome, desemprego, falta de moradia, renda e severa recessão, entre outros problemas graves. Não havia outra saída senão apelar para as *máscaras* e para o *imaginal*, a fim de traçar outras realidades e mundos que não fossem o apresentado a esses/as roqueiros/as sem-religião, que estavam nas tribos urbanas *headbangers* no Brasil e especificamente em Belo Horizonte. Um *imaginal* que pode brotar, mesmo em um contexto de tanta adversidade e miséria e que possibilita uma esperança através de construções do cotidiano, com uma esperança que não se projeta para o futuro ou para a religião, mas que se vive aqui e agora. Numa imaginação que se constrói de forma societal, destinal e que fermenta e alimenta uma potência contraditatorial.

Nesse caso, observamos o reflexo dessa diversidade de imaginações na nossa pesquisa com os/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* com várias

visões cosmovisões, entre as quais a possibilidade de uma espiritualidade não religiosa em torno da socialização e solidariedade com o *rock* pesado, o *heavy metal* e seus subgêneros. Maffesoli demonstra essa força da construção de mundos possíveis através de variadas imagens e imaginações, como as que verificamos entre os/as roqueiros/as sem-religião:

Ela não é apenas a “louca imaginação” que se deve ser afastada (ou, por reação, magnificada) e sim o vetor de um investimento profundo que se esgota no seu próprio ato. Uma aproximação da vida cotidiana nos desperta para essa verdade primeira, pois encontramos o impacto da imagem em todas as situações que analisamos. Ela lhes confere esse aspecto polimorfo propriamente monstruoso, perfeitamente desconectado, exprimindo melhor a política fragmentada, em seu sentido mais amplo. Esse aspecto fragmentado da vida social é que a torna suspeita para todas as sociologias que têm por ambição orientar o desenvolvimento histórico, na pretensão de determinar o que uma estruturação social particular deve ser (Maffesoli, 1984, p. 13-14).

Conforme Maffesoli, a *aproximação da vida cotidiana* expõe o *impacto da imagem* nas socializações, que acontecem nos relacionamentos mais corriqueiros e mostram as crises que essas várias imagens apresentam como a *política fragmentada*, com a possibilidade de várias construções culturais na cidade projetada como ideal ou perfeita:

As consequências dessa espacialização concreta, dessa história vivida no presente na existência cotidiana, traduzem-se na impossibilidade de se promover uma cidade perfeita ou ideal. A cidade de todos os dias é aquela onde nossos afetos se enraízam, onde se vive na imperfeição, mesmo e sobretudo quando evoca, imaginariamente, uma figura mítica onde se realiza a harmonia plural. A espacialidade onde “tudo junto adquire corpo” é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões, é uma “casa” objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente, na palidez e no brilho, fundada, como toda situação mundana, no limite (Maffesoli, 1984, p. 58).

A cidade se apresenta com suas histórias que são vividas no presente e na cotidianidade. Na visão de Maffesoli, essa socialização que ocorre no presente e cotidiano pode apontar para várias cidades dentro de uma mesma cidade, pelas possibilidades de dualidades, antagonismos e *imperfeições* que ela fomenta. Essas dualidades e antagonismos, com *ódios e amores* e com os *conflitos e distensões*, mostram a amplitude que pode ultrapassar as crises nos mais diversos relacionamentos pessoais e interpessoais, que a socialização no contexto citadino oferece atualmente.

Essa amplitude dos relacionamentos na cidade também pode ser observada com os /as roqueiros/as sem-religião em Belo Horizonte, que utilizaram e ainda utilizam o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, como uma dessas manifestações duais e antagônicas que expõe essa tensão contemporânea. Principalmente, no que tange à sua apresentação e utilização como contestadora e de não conformidade aos poderes instituídos.

De modo geral, para Maffesoli, a cidade, com o seu *caldo de cultura*, pode apresentar a crise, disfunção, antagonismos, dualidades e, em última instância, *o caos e o não civilizado*. Até mesmo outras formas de socialização captadas por ele nas mais diversas tribos urbanas, como verificamos até aqui pela ocorrência das tribos urbanas *headbangers*, que, a princípio, se apresentam como estado latente dessa crise. Essas tribos urbanas e, em especial os/as roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*, se inscrevem nesse *cadinho da cultura* com uma ebulição ou efervescência, que também se apresentam nesse estado de fusão *o caos e o não civilizado*. “Dizemos caldo de cultura, efervescência e desagregação, que são todas coisas que exalam o caos e o não civilizado. Coisas que, justamente, tornam a enfatizar esse elemento natural que a civilização sempre tenta denegar” (Maffesoli, 2010a, p. 119).

De acordo com Maffesoli, essa crise apresentada pelo *caldo de cultura* e proporcionada pela socialização nas cidades, metrópoles e megalópoles, pode fomentar a criação dos diversos grupos e tribos urbanas. Verificamos também essa situação com os/as roqueiros/as sem-religião, que a atração à essa tribo ocorre justamente pela possibilidade de não negar a crise vigente e ainda poder expressar o caos, o não civilizado e a rebeldia, que permeia o *rock* pesado, o *heavy metal* e seus subgêneros. Como observamos no relato a seguir de um participante da pesquisa:

Na verdade, o que me atraiu não foi ser um roqueiro sem-religião, né? O que me atraiu foi a música e todo aquele protótipo do *heavy metal*, né? Aquele estigma do *heavy metal* e tal, aquela questão da rebeldia, né? E eu me identifiquei com o som pesado também das guitarras pesadas, né? E tem todo o encanto né? Das capas dos discos, os nossos ídolos, né? [...] Exatamente. O que me atraiu já falei então, foi todo esse estereótipo, né, do *heavy metal* (Participante 3, homem, 42 anos).

Através do relato desse participante da pesquisa, verificamos que o *rock* pesado e suas derivações, a partir do *heavy metal*, aponta para uma linguagem que, mesmo se apresentando de forma caótica, extrema, agressiva e rebelde, tem grande alcance, ou poderíamos dizer *encanto* na formação de *ídolos* para os jovens e pessoas de várias idades nas tribos urbanas *headbangers*.

Verificando de forma mais ampliada, poderíamos dizer que o tribalismo não busca uma institucionalização, antes aponta para a crise da sociedade e busca uma ordem que seja interna, construída pelo próprio grupo. Conforme descreve Maffesoli:

A esse respeito, basta lembrar que, antes de mais nada, a anarquia está à procura de uma “ordem sem o Estado”. De certa maneira, é o que se esboça na arquitetura, que atua no

interior dos microgrupos (tribalismo), e entre os diversos grupos que ocupam o espaço urbano de nossas megalópoles (Massa) (Maffesoli, 2010a, p. 163).

Se por um lado Maffesoli mostra que as tribos urbanas buscam essa anarquia baseada na negação do princípio de autoridade, como uma *ordem sem o Estado*, para os/as roqueiros/as sem-religião das tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, essa crise e negação teve fortes impactos também na religião. Esse aspecto, nesse grupo de sem-religião, poderíamos substituir essa *ordem sem o Estado* por uma *espiritualidade não religiosa sem a Igreja ou Instituição Religiosa* ou um *sagrado sem o Deus específico* ou ainda a possibilidade de *existência sem a Crença em nada*. Dessa forma, verificamos essa crise com a negação e rejeição dos/as roqueiros/as sem-religião quanto às instituições religiosas no nosso percurso até aqui. No entanto, para um participante da pesquisa, essa rejeição também acontece com vários grupos e, principalmente, com os grupos religiosos, que rejeitam ou não aceitam as pessoas que se autodeclaram sem-religião. Mas, hoje, ele acha que essa rejeição tenha diminuído, persistindo apenas em membros de instituições religiosas mais tradicionais e fundamentalistas:

Olha, sinceramente eu não vejo muita diferença. Eu acho que tem uma determinada rejeição de vários grupos, principalmente dos grupos religiosos das diferentes formas, que acham que você está num momento que você deveria sim, estar em uma religião, se assumir como de um grupo, de uma comunidade religiosa. Mas hoje, e talvez até mais do que no passado, eu vejo com muita tranquilidade, eu não vejo tanta rejeição, tanto pensamento negativo com uma pessoa assim. Só por aqueles membros mais tradicionais das instituições, que buscam tentar te trazer para religião delas, né? Então, eu penso mais nesse sentido (Participante 6, homem, 35 anos).

Embora esse entrevistado veja uma diminuição da rejeição das instituições religiosas, quanto aos sem-religião, na sua visão, o contexto político, com o governo brasileiro do presidente Jair Messias Bolsonaro, é preocupante para os sem-religião:

Na verdade, eu acredito que a laicidade do estado te dá a oportunidade, inclusive, para quem não se assume com uma determinada religião. Então, há uma abertura ainda grande, para quem decide não seguir nenhuma religião especificamente. Só que eu vejo que, principalmente esse último governo, esses últimos anos, ele tem sim buscado levantar uma bandeira religiosa. Então, eu acho que isso aí ainda não refletiu diretamente para quem não segue aquela determinada religião, mas eu acho que a tendência é que venha sim, impor uma determinada doutrina, uma determinada ideia de uma linha de pensamento, de uma determinada religião e que isso acabe, trazendo aspectos, inclusive para quem não acredita, quem não segue uma determinada religião. Entendeu? (Participante 6, homem, 35 anos).

Mesmo observando os avanços conquistados no Brasil quanto à liberdade religiosa, este participante da pesquisa mostra uma preocupação atualmente no que se refere à

liberdade religiosa e, principalmente, quanto aos sem-religião ou aqueles que não querem acreditar em nada. Isso de alguma forma mostra que, mesmo com as possibilidades de abertura para várias visões pós-modernas e as crises que podem fomentar novas cosmovisões, para este entrevistado, vivemos um momento de perigo quanto à imposição de uma religião em detrimento das outras existentes no Brasil, ainda mais quando essa atitude parte do governo brasileiro, tendo como principal ator o presidente Jair Messias Bolsonaro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a pós-modernidade se apresenta como um tempo em que as crises geram novos modos de viver nas cidades, com possibilidades de novos padrões culturais e assim de novas linguagens. As agregações sociais ocorridas entre os/as roqueiros/as sem-religião nas tribos urbanas *headbangers* mostraram que nem mesmo a crise da sociedade poderia parar essas tribalizações. Tanto a crise social quanto a revolta e o caos, denunciada pelos adeptos dessas tribos na década de 1980 em Belo Horizonte, acabaram fortalecendo a cena *underground* em suas diversas formas de sociabilidade, que perduram até os dias atuais. O que proporciona uma diversidade de ritmos e gêneros musicais, visões políticas, ideológicas e posturas, que buscam leituras e releituras de décadas e até de séculos atrás.

No que se refere às construções religiosas, entre os/as roqueiros/as sem-religião, percebemos a ocorrência de uma crença sem nenhuma mediação de qualquer instituição religiosa, com alguns vestígios do percurso religioso anterior. Também verificamos pessoas que não creem em nada, atualmente. Percebemos uma maior diversidade no aspecto religioso nesta tribo, com a possibilidade de busca ou abertura por modelos religiosos antigos, como o paganismo, ateísmo, agnosticismo, satanismo, entre outras visões.

A crise junto aos modelos institucionais proporcionou às tribos urbanas *headbangers* um retorno às bases e ao arcaico, no qual o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros se apresentaram como ícones, signos, códigos de significados e ferramentas de transporte para construir mundos possíveis através da palavra cantada. O retorno às histórias passadas, justamente para escapar à ditadura da história que é apresentada como linear e segura, foi observado no *rock*, que até então, era demonizado e marginalizado pelas instituições sociais, como a política e a religiosa.

Assim, o *rock* acabou se tornando o principal veículo de contestação dessa tribo, como também se tornou referência para outras tribos urbanas do Brasil e do mundo. Outras construções sociais dessa tribo podem ser verificadas nas marcas corporais, com variados

acessórios, tatuagens, roupas, cabelos longos e coloridos, bem como a forma de construção e execução da música nessa tribo.

Além da construção estética com o visual arrojado na tribo, destacamos a sonoridade na música *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, como o *thrash metal*, *death metal* e o *black metal*, entre outros estilos, em suas formas de construção e execução. Pontuam a performance agressiva e veloz dos instrumentos nessas músicas, e os vocais guturais, aos berros e gritos, aliados aos aparatos tecnológicos com mais intensidade do som. Verificamos, assim, a junção entre o aspecto selvagem e o artifício tecnológico.

Portanto, a pós-modernidade e a crise tiveram grande força para esse novo modo de viver e ser no território e no tempo. Assim, possibilitaram outras formas de socialização, como ocorreu com a criação da cena *underground* com roqueiros/as sem-religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Referente aos traços de um tipo de espiritualidade não religiosa mais aberta e plural na experiência dos entrevistados, percebemos o *rock* como atributo de um totem na socialização e vivência desse grupo.

Dessa forma, nossa hipótese foi confirmada parcialmente, pois, embora haja uma grande resistência a tudo que remeta a qualquer prática religiosa ou espiritual para essa tribo, percebemos que, para a maioria dos participantes da pesquisa, ocorre um tipo de espiritualidade não religiosa, com a solidariedade que é gerada, a princípio na socialização com a música *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros.

Embora, nessa parte do artigo nossa proposta ocorra através da revisão bibliográfica com Maffesoli como principal teórico. Ao analisarmos o discurso desses sete participantes da pesquisa, percebemos que o *rock* se tornou um tipo gerador de espiritualidade não religiosa, justamente por proporcionar interações sociais mais diversas e plurais aos participantes das tribos urbanas *headbangers*. Nos relatos observamos ações que sinalizam para sociabilidades através do *rock* e isto também é verbalizado nos discursos com a procura pela música *rock*, bem como a comunhão que nesses momentos é gerada na solidariedade em *reunir, escutar, organizar, divertir, envolver, fazer as coisas, socializar e gerar um prazer*. Este prazer é mostrado como um prazer que começa com o estilo musical e pode levar o adepto da tribo a um nível mais elevado de espiritualidade não religiosa, com o *prazer naquela música, te leva até uma transcendência*. Não só essa transcendência foi relatada pelo viés de uma comunhão com aspectos de uma religiosidade. Para os participantes da pesquisa o *rock* é capaz de gerar uma espiritualidade não religiosa na *nebulosa afetiva identitária*, que proporciona uma *união dos fiéis*, com um *elo que não quebra o vínculo da sociabilidade, e que vai ser professada e gera o acolhimento*.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Cláudia S. N. de. **“É para ser escuro!” – Codificações do black metal como gênero audiovisual**. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/teses/claudia-azevedo>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem-religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **Batendo cabeças**: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/category/119-2014>. Acesso em: 25 out. 2024.
- COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **Faça você mesmo!** As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte. 2020. Tese (Doutorado em Estudo de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/category/119-2014>. Acesso em: 25 out. 2024.
- COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **Tribos urbanas e educação**: representações juvenis sobre os saberes da escola e da rua. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://lattes.uemg.br/OC-25.html>. Acesso em: 25 out. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 13-20, 2003a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198/2463>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001a.
- MAFFESOLI, Michel. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 11-27, 2005b. Disponível em:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/33/33>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Entre o bem e o mal**: compêndio de subversão pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus as comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. La potencia de los lugares emblemáticos. **Convergencia**, Toluca, v. 14, n. 44, p. 41-57, 2007a. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105504403>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010b.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001c.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Famecos**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003b.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

RODRIGUES, Flávio Lages. A espiritualidade não religiosa na socialização de roqueiros/as sem religião em torno da música rock. **Rever**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 391-409, 2023c. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/62320/44534>. Acesso em: 07 de maio 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock e a espiritualidade não religiosa**: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte. 2023. (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023a. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_FlavioLagesRodrigues_30427_Textocompleto.pdf. Acesso em: 06 de maio de 2023.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A liberdade do Espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. A utilização da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural. **Reflexus**, Vitória, v. 13, n. 22, p. 669-697, 2019a. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/914>. Acesso em: 16

dez. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. A cidade e a memória na construção da espiritualidade não religiosa dos/as roqueiros/as sem religião. **Caminhos**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 405-429, 2023b. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13342>. Acesso em: 30 out. 2023.

RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. **Interações**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Comunidade Caverna de Adulão: rock como fator de socialização. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-251, 2020b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7498/4369>. Acesso em: 22 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). **Deus(es) na literatura**. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.

RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? **Plura**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221. Acesso em: 07 abr. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. No princípio era o rock, e o rock estava na Caverna de Adulão, e o rock era a Caverna de Adulão. **GIS- Gesto, Imagem e Som- Revista de Antropologia**, São Paulo, v.7, n. 1, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185630/182512>. Acesso em: 14 jun. 2022.

RODRIGUES, Flávio Lages. O rock e a espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião. **Reflexus**, Vitória, ano 17, n. 2, p. 337-352, 2023d. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2789/2447>. Acesso em: 07 maio 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas**: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018b. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_FlavioLagesRodrigues_2191_TextoCompleto.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. O rock como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. **Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019b. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6941>. Acesso em: 07 maio 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: MK, 2018c.

RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? **Expedições**, Morrinhos, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018d. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660. Acesso em: 22 jul. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. Uma pastoral que nasce a partir da realidade dos jovens nas tribos urbanas headbangers em Belo Horizonte. In: CUNHA, Carlos Alberto Motta; CARMO, Solange Maria do. (Orgs.). **Pastoral Urbana: práticas e desafios**. São Paulo: Paulus, 2024. p. 229-238.

SILVA, Gleyber Eustáquio Calaça. **Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal de Belo Horizonte nos anos 1990 e 2000**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Geografia_GleyberEustaquioCalacaSilva_19005.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

STREIB, Heinz; KLEIN, Constantin. Religion and Spirituality. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (Org.). **The Oxford Handbook of the Study of Religion**. New York/London: Oxford University Press, 2016. p. 73-83.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os sem-religião: aurora de uma espiritualidade não religiosa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Comitê de ética: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Processo nº 25890719.1.0000.5137.

Recebido em: 21-06-2023

Aprovado em: 06-04-2024

Editor de seção: Flávio Senra